

II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade

A Estética na Visão Transdisciplinar

Helôisa Helena da Fonseca Carneiro Leão¹ (PUC/SP)
heloisaleao@globo.com

Resumo

Este trabalho argumenta sobre a potencialidade da criação estética como construtora de um futuro diferenciado. O homem, em suas várias manifestações artísticas, serve como exemplo para representar a visão da ciência moderna que entende, o indivíduo, suas ferramentas e suas relações como uma rede de interações, na qual as mudanças não ocorrem jamais isoladamente. Essa postura complexa tem a finalidade de construir o amanhã, a partir das relações estabelecidas entre os seus sub-sistemas. O resultado das interações é uma rede que não tem nem início e nem fim, se conecta indefinidamente e permite, pelo diálogo entre seus diversos integrantes, a emergência de novas perspectivas. É um compreender o mundo de forma sistêmica em que os sub-sistemas ao trocarem informações entre si contribuem para o aumento da diversidade e da complexidade.

O fundamento teórico do trabalho está alicerçado em Charles Sanders Peirce, Ilya Prigogine e Edgar Morin. Ilya Prigogine argumenta que é a criatividade que constrói o futuro, uma vez que não se pode definir o futuro pelo passado, como queria a ciência tradicional. Charles Sanders Peirce afirma ser a estética a responsável pela busca de um ideal admirável. Edgar Morin, além de defender a visão global em diálogo com as partes, argumenta sobre a importância do *homo demens* na formação do *homo sapiens* e propõe o uso da antropoética complexa².

Palavras-chave: Complexidade; Antropoética; Sistema³; Estética; Evolução.

1- Introdução

Este trabalho, pesquisa de doutorado (em curso), enfoca e defende o uso da criação estética como alternativa evolutiva para o século XXI. A nossa tese é que o conceito de criação estética se ampliou com o passar dos tempos, sofreu mutações e chega ao momento presente com a possibilidade de modificar o caminho evolutivo. A proposta principal é que se use a sensibilidade estética como instrumento para uma nova relação entre o homem e seu entorno. Acreditamos que a estética possa assumir um papel de destaque no ambiente contemporâneo, como elo de ligação entre os homens e a natureza.

A base teórica do trabalho está focada nas pesquisas de Ilya Prigogine e os sistemas longe do equilíbrio. Em Charles Sanders Peirce que afirma ser a estética, juntamente com a ética e a lógica, responsável pela busca de um ideal admirável. E em Edgar Morin que mostra o *homo* como o somatório do *homo sapiens* e do *homo demens*. Morin enfatiza que a liberdade de criar está ligada a parte da loucura que se encontra na razão. Ao longo de sua pesquisa, Morin propõe a necessidade da emergência da antropoética, manifesto para a conduta ética assumir o destino humano. Os três teóricos defendem a comunicação sistêmica, a inter-relação entre os subsistemas e o uso da

¹ Doutoranda, pesquisadora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista do CNPq. Bacharel em pintura pelo Centro Universitário Belas Artes. Pós-graduada em História da Arte pela FAAP/SP e em Arte e Tecnologia pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. E-mail: heloisaleao@globo.com

² Antropoética complexa. “O modo ético de assumir o destino humano”. (Morin.2005:159).

³ Sistema 1. “Unidade aberta traduzida em termos de um conjunto de variantes que se constituem graças às relações complementares com as invariações e, por conseguinte, aberta às mudanças”. (Machado. 2003:165)

Sistema 2. “No conceito de sistema está implicada a idéia de elementos que formam um todo ordenado. As relações entre esses elementos constituem a estrutura do sistema”. (Nöth *apud* Machado. 2003:165).

Sistema complexo. “caracteriza-se pelo número dos elementos que o constituem, pela natureza das interações entre esses elementos e pela diversidade das ligações que unem esses elementos entre si. Exemplos de sistemas complexos: a célula, uma cidade, um ecossistema”. (Rosnay, 1997:416)

sensibilidade como instrumento de interação e ação no mundo. Além do mais, os teóricos creditam à arte a visão otimista, em relação ao futuro, que possuem.

No desdobramento, da tese, serão elencados exemplos sobre as ações estéticas e éticas encontradas em artistas ou não artistas. Os exemplos concretizam a criatividade, a estética e a antropoética. Essa parte da pesquisa ainda está embrionária, embora, alguns exemplos, entre os muitos existentes, possam ser adiantados. Assim, as seguintes ações estéticas são dignas de nota: A Instalação Interativa - “De Menino pra Menino” dos artistas: Luiz Mário, Mili Genestreti, Terezinha Dumêt, Tinna Pimentel, Valter Ornellas e Viga Gordilho⁴; os Doutores da Alegria⁵ e a Arte Solidária⁶.

2. Avant-Propos

A estética desde a Grécia Antiga até os dias de hoje sempre esteve presente na relação do homem com a natureza. No entanto, como ciência surge somente por volta de 1750 com Alexander Gottlieb Baumgarten. A partir dessa data, os filósofos modificam cada vez mais a abrangência da estética. No final do séc. XIX Charles Sanders Peirce propõe que a estética assuma o direcionamento da vida. A estética em Peirce e em outros pensadores do séc. XX é fundamental para esta pesquisa.

É importante esclarecer que a criatividade defendida por Prigogine e Morin está apoiada na ética. Em Peirce, na semiótica, a ética não se separa nem da estética e nem da lógica. Dessa forma, quando utilizamos a palavra estética, como criadora de um novo processo evolutivo, estamos incluindo a ética e a lógica. Em Peirce a estética representa o sentimento, a ética a ação e a lógica o pensamento, portanto, elas constituem uma unidade.

2.1. Charles Sanders Peirce - Estética⁷

Charles Sanders Peirce, filósofo e lógico americano (1839-1914), dá uma dimensão diferente à estética. A estética em Peirce não é uma filosofia do belo, mas uma forma de direcionar a vida para se alcançar o admirável. Peirce, no final do séc. XIX, propõe uma estrutura filosófica, uma visão científica da filosofia, na qual a estética tem o papel de direcionar a vida. A importância de Peirce, para este trabalho, não diz respeito somente a sua estética diferenciada, mas, igualmente, por sua visão sistêmica. A abrangência da estética, em Peirce, adquire contornos epistemológicos e aponta na direção da transdisciplinaridade. A estética como um ideal a ser seguido traz consigo toda a complexidade do homem e da natureza, conseguindo, assim, sintetizar no ideal último, o múltiplo.

A pesquisa de Peirce não se limita, somente, ao pensamento racional vai além, ao procurar outras “razões” para explicar sua filosofia científica. O filósofo afirma que o pensamento racional não é completo, pois esquece o lado sensível e, assim, não atinge a totalidade da unidade humana. Dessa forma, o pensamento racional, isoladamente, não está apto a responder por todos os problemas existenciais. Peirce afirma ser a estética responsável pela busca de um ideal admirável, sendo esse ideal admirável o fim último da ação. O ideal admirável diz respeito ao crescimento e à corporificação da razão criativa do mundo. A estética, a ética e a lógica ou semiótica por serem ciências normativas fornecem subsídios à metafísica e assim, respondem pelos ideais que orientam os sentimentos, as ações e os pensamentos.

Peirce estuda a lógica de todas as ciências e chega a conclusão que não existe pensamento sem signo. A partir dessa constatação, pesquisa todos os tipos possíveis de signos e de raciocínios. É nesse panorama peirceano que surge a estética, uma das disciplinas filosóficas e científicas, com a

⁴ <http://www.corpos.org/anpap/2004/textos/ceaa/luizmario.pdf>

⁵ <http://www.doutoresdaalegria.com.br/>

⁶ <http://www.artesolidaria.com.br/arte.php?botao=ong.php>

⁷ Estética. Desde a Grécia antiga até os dias de hoje houve preocupação com a criação estética, que estava ligada ao belo. No entanto, a estética, como ciência, surge somente por volta de 1750 com Alexander Gottlieb Baumgarten.

função de procurar e “atingir” o admirável. Esse admirável é o fim último da ação, com o propósito de fazer crescer a corporificação da razão criativa do mundo.

A intenção de Peirce é mostrar que a filosofia tem como meta descobrir o “verdadeiro” e direcionar para as categorias mais universais do ser humano. No diagrama das ciências encontra-se a fenomenologia que é responsável por caracterizar os fenômenos. Dessa forma, o pensamento racional, não pode excluir os fenômenos, ao contrário, deve observá-los e dialogar com eles. O diálogo entre os elementos do sistema aponta para a relação interdisciplinar que é uma dinâmica processual. No momento em que o todo dialoga com as partes, não há perda das partes, ao contrário, surgem novas possibilidades de relações e criações. Esse sistema é um processo evolutivo *in futuro*.

Como a filosofia de Peirce tem uma visão científica, a criação estética, goza de liberdade, possuindo o papel de direcionar a vida. Peirce chega, ao final de sua pesquisa, a conclusão de que a lógica sozinha não consegue resolver todos os problemas da vida, por ser incompleta. Argumenta que a lógica precisa da ética e que por sua vez, a ética precisa da estética. Essas ciências que são normativas têm a função de analisar “os ideais” “os valores” e “as normas” da existência. A estética procura responder: “Que ideais orientam os sentimentos”. A ética “Que ideais orientam as condutas”. E a lógica “Que ideais orientam os pensamentos”.

Peirce profetiza que as ciências normativas (estética, ética e lógica) são a chave do seu pragmatismo. E que seu pragmatismo não poderia ter um caráter estático, ao contrário, deveria ser dinâmico. Peirce define o bom estético como: “À luz das categorias, devo dizer que o objeto, para ser esteticamente bom, deve ter uma multiplicidade de partes relacionadas umas as outras de um modo tal que confere uma qualidade imediata, simples e positiva à sua totalidade”. (Peirce *apud* Santaella. 1994: 136)

A visão de Peirce sobre a estética agrega um caráter transdisciplinar e multidisciplinar a ciência, porque, no momento em que a multiplicidade das partes consegue a qualidade imediata do todo, a transformação do múltiplo aponta para o admirável (único), havendo um processo dinâmico de transversalidade. Nesse raciocínio, o ideal estético tem uma função evolutiva, “estando seu significado pleno apenas num futuro distante sempre concretamente adiado. Um futuro idealmente pensável, mas materialmente inatingível”. (Santaella. 1994:137) Dessa forma, podemos perceber a existência do princípio de incerteza no ideal estético. E esse estado que não pode ser imposto e nem determinado com antecedência vai ao encontro de Prigogine e Morin, quando esses explicam a emergência da criatividade, fruto da incerteza e da irreversibilidade, na construção do futuro.

3. Ilya Prigogine

As pesquisas de Prigogine apontam para uma nova visão de mundo que vai de encontro as visões tradicionais que entendiam o mundo de forma reversível, constante e determinista. Para Prigogine o mundo não está dado e, sim, em constante construção, o que impossibilita projetar o futuro pelo passado. Havendo, portanto, a necessidade de se olhar o mundo pelo lado instável, caótico, probabilístico e irreversível. Desta forma, a criatividade que está na natureza é amplificada no humano, na qual a arte tem um papel relevante na construção do futuro.

Desta forma, Prigogine cita Paul Valéry: “(...) o inesperado é minha essência, a angustia meu verdadeiro ofício, ninguém exprimiu ou pode exprimir a estranheza do existir. Por que assim e não de outra forma?”. A intenção de Prigogine é chamar atenção para o acontecimento, para aquilo que chega sem ser esperado, o contingente, o acaso, o imprevisível. Prigogine compartilha a visão de Valéry “que associa a criatividade a tudo aquilo que resiste ao pensamento.” (valéry *apud* Prigogine.2004:21-22)

Prigogine amplia a abrangência da criatividade enfatizando que ela está presente em todas as atividades da natureza. Em virtude da criatividade e do acontecimento que desempenham um papel primordial no mundo de hoje é que se pode afirmar que o futuro está em constante construção. Não

vivemos mais um período em equilíbrio, como pretendia a física clássica. Vivemos, atualmente, em um sistema que se encontra afastado do equilíbrio e, portanto, sujeito a distúrbios. Sabe-se hoje que vivenciamos um mundo complexo, complexidade significa multiplicidade e conduz a vida a uma outra forma de racionalidade, que é diferente da herdada do Iluminismo. As pesquisas de Prigogine explicam que essa nova racionalidade é fruto da noção de sistemas abertos e da física do não-equilíbrio. Para explicar essa mudança é necessário compreender que, um sistema quando está perto do equilíbrio, embora, sofra flutuações e seu equilíbrio fique momentaneamente abalado, ele consegue voltar a sua posição estável anterior, inicial. Um sistema estável é semelhante ao pêndulo que ao sofrer um abalo sempre volta a sua antiga posição.

No entanto, em um sistema longe do equilíbrio, ao contrário, do que acontece com o sistema estável, o sistema não retorna a sua posição anterior. No sistema longe do equilíbrio, as instabilidades e as flutuações são as responsáveis pelo seu crescimento. Nesse sistema, a operação para voltar ao equilíbrio requer uma adaptação, uma reestruturação ou mutação em relação aos fatores que provocaram a sua instabilidade. Um sistema aberto quando invadido por perturbações externas tem necessidade da auto-organização interna, que é obtida pelo surgimento de um fator novo. O novo é fruto da comunicação entre os diversos sistemas que fazem parte do sistema maior, o universo. Nessa direção, cabe a estética a ampliação das fronteiras que permitirá a comunicação entre todos os componentes do sistema.

Prigogine, preocupado com o futuro da humanidade e do planeta, escreve uma “Carta às Futuras Gerações”, na qual apela para a razão, a sensibilidade, as lembranças, o otimismo, as artes e as flutuações:

Uma carta às gerações futuras é sempre e necessariamente escrita de uma posição de incerteza, de uma extrapolação arriscada do passado. No entanto, continuo otimista. O papel dos pilotos britânicos foi crucial para decidir o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Foi, para repetir uma palavra que usei com frequência neste texto, uma “flutuação”. Confio em flutuações como essa surgirão sempre, para que possamos navegar seguros entre os perigos que hoje percebemos. É com essa nota de otimismo que eu gostaria de encerrar minha mensagem. (Prigogine.2001:20)

A estética em Peirce, a criatividade e as flutuações em Prigogine e a ética (antropoética) em Morin têm a função de edificar o futuro em um mundo em constante construção. As pesquisas de Prigogine apontam para uma nova visão de mundo em oposição às visões tradicionais que entendiam o mundo de forma reversível, constante e determinista. Como o mundo não está dado é impossível projetar o futuro pelo passado. Há a necessidade de se olhar o mundo pelo lado instável, caótico, probabilístico e irreversível que é o resultado de um sistema aberto, não-linear e longe do equilíbrio. As flutuações que ocorrem no sistema são as estruturas dissipativas e essas as responsáveis pelo diálogo entre todos os componentes do sistema, de forma interdisciplinar, que possibilita a transdisciplinaridade, pelo surgimento do novo. A criatividade é um fator determinante do futuro porque existe na natureza e se amplifica no humano. Assim, a criação tem um papel relevante na construção do futuro.

4. Edgar Morin

Edgar Morin, após pesquisar por longo tempo a relação do homem com a natureza, propõe a necessidade da emergência do pensamento complexo⁸. O pensamento complexo é sistêmico e responsável por uma reforma ativa do pensamento, com o intuito de ligar o que foi separado: o homem e a natureza; o racional e o sensível. O que estava ligado no passado se separou e a visão de todo deu lugar as partes desconectadas. Morin propõe a mudança na forma de pensar em resposta ao homem oriundo do período iluminista, defensor do predomínio do pensamento racional sobre o sensível. Morin alerta para o fato de que a racionalidade excessiva provoca a fragmentação e a

⁸ Pensamento complexo - um pensamento que busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo que busca reunir. (Morin. 2003:71)

divisão do homem. Argumenta que a atitude de valorizar unicamente a razão não condiz com a história do homem, pois esse além de ser *homo sapiens* é, também, *demens*. Morin enfatiza que a relação entre o ligar e o separar é uma constante no nosso processo evolutivo. E aponta para a necessidade da antropoética como resultado do pensamento complexo. A antropoética é uma atitude ética necessária para a construção do futuro, porque une indivíduo/ espécie/ sociedade. “A antropoética liga a ética do universal e a ética do singular. (...) A ética complexa necessita daquilo que é mais individualizado no ser humano, a autonomia da consciência e o sentido da responsabilidade”. (Morin. 2005: 160, 194)

A intenção de Morin é mostrar que pela visão sistêmica ocorre o diálogo da diversidade. O amor, que é a junção da loucura (*homo demens*) com a sabedoria (*homo sapiens*), engloba o todo do sistema homem. Ser, somente, racional é não olhar o *demens* que existe no *homo sapiens sapiens demens* é perder a visão da totalidade. Essa postura transforma o racional em irracional.

Os três teóricos apresentados neste ensaio pesquisaram as conseqüências da visão racional. Existe, portanto, a necessidade do diálogo entre o homem e o ambiente a fim de elaborarem diretrizes para um futuro diferenciado. A estética peirciana, a antropoética, a visão sistêmica, a comunicação e a criatividade surgem como alternativa para se vislumbrar a totalidade do sistema da vida e permitir, assim, que a diversidade ocorra.

5 . Conclusão

Os teóricos apresentados, neste trabalho, estão preocupados com o futuro da vida, contribuindo com novas possibilidades de comportamento, para o homem em relação a si mesmo, a sociedade e a espécie. As noções de incerteza, flutuação e de eterna construção são fundamentais para se entender o presente.

É importante lembrar que no momento em que a arte e o pensamento da ciência ocupam uma posição de destaque na projeção do futuro, não se pode negligenciar os defensores da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Assim, os teóricos que dão corpo a este trabalho são importantes porque defendem a visão sistêmica, a incerteza, o diálogo entre as partes e o todo, o retorno ao sensível, a estética e a ética.

Em Peirce, o papel preponderante é o da estética, do crescimento e da corporificação da razão criativa no mundo, representando um processo evolutivo *in futuro*. Além da estética peirciana, Prigogine argumenta que a criatividade é o fator determinante para construção do futuro. E enfatiza a impossibilidade de se incluir a criatividade em um mundo determinado, salientando que as flutuações e a criatividade modificam as projeções que por ventura tenham sido feitas *a priori*. As pesquisas de Prigogine têm a pretensão de “demonstrar um universo em construção contínua, crivado de explosões de novidades e criatividade”. (Prigogine *apud* Carvalho 2001:11)

Morin manifesta, por meio da ética complexa, a importância de se quebrar o paradigma da oposição e de se adotar o da complementação. Não é possível dizer que o bem se opõe ao mal, ao contrário são complementares. O teórico enfatiza a relação dialógica, a recursividade e mostra a necessidade de se reformar a vida. Afirma que “a reforma de vida leva à reforma de civilização e à reforma ética, as quais conduzem à reforma da vida”. (Morin.2005:176)

Assim, a razoabilidade em Peirce vai ao encontro do pensamento complexo de Morin e Prigogine. E a unidade, o todo é conseguida pelo diálogo dos opostos. Enfatizamos que os três teóricos são otimistas, que acreditam na emergência de elementos modificadores do futuro e que encontram na arte a nobreza do homem. Morin afirma:

As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. (...) Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana. (morin. 2000:45)

Dessa forma, a ênfase dada, pelos teóricos, à criatividade, à estética e à ética são opções evolutivas. Observar o mundo sem negligenciar nenhuma de suas partes, só é possível pela multidisciplinaridade, interdisciplinaridade que congregam as diferentes partes do sistema e pela transdisciplinaridade que aponta para uma possível resposta em decorrência do diálogo criativo de suas partes. Em Peirce o ideal último seria o resultado do crescimento e da corporificação da razão criativa no mundo. Em Prigogine o diálogo criativo entre o homem e a natureza; a inserção da incerteza e de flutuações. Em Morin a emergência de um novo comportamento ético – antropológico, fruto do pensamento complexo.

Nos três teóricos a comunicação sistêmica, a estética, a ética, a flutuação como criação são decisivas como edificadoras do futuro. A construção do futuro defendida por Prigogine, o aumento da razoabilidade concreta e o amor são os caminhos para uma sociedade empenhada em valores de sentimentos, possivelmente mais justos. Para que isso ocorra é fundamental a parceria entre os homens, entre as sociedades e entre os países. A sociedade precisa assumir a necessidade de mudança do perfil das relações internas e externas de caráter agônico e transformá-las em hedônicas. No momento em que os homens lutarem e defenderem os ideais estéticos, éticos visando os valores de qualidade em detrimento dos de quantidade é possível trilhar uma nova rota no caminho evolutivo. Não podemos esquecer que Peirce ressalta que o ideal estético-pragmático não pode ser impositivo. O admirável estético ético não é dado e, sim, construído ao longo do tempo. Dessa forma, cabe a todos nós semear, criar possibilidades e trilhas variadas, nas quais a criatividade possa agir, se bifurcar.

O otimismo, dos teóricos, encontra nas diversas manifestações artísticas e, em todas as manifestações de amor ao próximo e à natureza, subsídios para um mundo melhor.

6. Referências bibliográficas

CARVALHO, Edgard de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição. *Ilya Prigogine Ciência razão e paixão*. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel. Belém, Pará: Eduepa, 2001

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: A natureza humana*. Portugal: Europa-America, 1973

_____. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Europa – America, 1983

_____. *A cabeça bem-feita*. Trad. Eloá Jacobina. R.J: Bertrand Brasil, 2000

_____. *Amor poesia sabedoria*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. RJ: Bertrand, 2002

_____. *O Método 6 – ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2005

PRIGOGINE, Ilya. O fim da certeza. In: MENDES, Candido (org). *Representação e complexidade*. RJ: Garamond, 2003

_____. Criatividade da natureza, criatividade humana. In: CARVALHO, Edgard de Assis e MENDONÇA, Teresinha (org). *Ensaio de complexidade 2*. Porto Alegre: Sulinas, 2004

_____. *Ciência razão e paixão*. In: CARVALHO, Edgard de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição (org). Trad. Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel. Belém, Pará: Eduepa, 2001

ROSNAY, Joël de. *O homem simbiótico: Perspectiva para o terceiro milênio*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997

SANTAELLA, Maria Lucia. *Estética de Platão a Peirce*. S.P: Experimento, 1994

_____. *A assinatura das coisas Peirce e a literatura*. R.J: Imago, 1992

_____. O admirável estético e ético como ideal supremo da vida humana. In: SILVA, Jorge Anthonio (org). *Encontros estéticos*. Coletânea de textos do Evento Encontros Estéticos no Conjunto Cultural da Caixa Econômica. São Paulo: janeiro a junho de 2005.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Semiótica, Sistemas e Sinais*. Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. Ciência, arte e o conceito de *Umwelt*. In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (Org.). *Arte e tecnologia na cultura contemporânea*. Brasília: Dupligráfica, 2002

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Liminaridade e transdisciplinaridade*. No prelo.